

## Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades na escola

Educação física escolar: relações de gênero em jogo.

ALTMANN, Helena.

São Paulo: Cortez, 2015. 176p.

Problematizações referentes aos estudos de gênero e sexualidades destacando suas interfaces com a educação e a educação física têm sido o interesse investigativo de Helena Altmann. Graduiu-se em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cursou Mestrado e Doutorado em Educação, respectivamente, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Além de docente na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atua também no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Problematizando sobre a "educação física escolar" e na forma como as "relações de gênero" encontram-se "em jogo" nesse contexto, a autora problematiza como se estabelecem as analogias entre meninos e meninas nessa disciplina. Dentre as várias atividades que integram as vivências da educação física, o esporte se destaca como o principal fenômeno norteador das análises em seu livro.

Compreendido como um fenômeno socialmente construído ao longo da história e perpetuador da hegemonia cultural masculina, o esporte tem sustentado seus regimes de verdade nas diferenças biológicas do corpo humano. Para tanto, "Seria um engano pensar que o corpo é regido apenas por leis fisiológicas que escapam da história e da cultura. O corpo e as relações de gênero são socialmente produzidos também dentro dos currículos escolares." (Helena ALTMANN, 2015, p. 24).

A obra dialoga com diversos/as autores/as que integram o movimento renovador da Educação Física brasileira que, a partir dos anos 1980, demarcou um processo de crítica ao "paradigma da aptidão física e esportiva" (Valter BRACHT, 1999). O viés marxista predomina nesse campo de estudo cujo foco consiste na influência dos processos de dominação de classe subsidiados pela exploração econômica. No entanto, sem se desvincular dos fundamentos epistemológicos elaborados pelas teorias críticas sobre as práticas esportivas, a autora estrutura suas análises enfatizando as questões de gênero e sexualidades – entendidas como outros processos de dominação –, oportunizando outras interpretações para os conceitos de alienação, emancipação, libertação e autonomia (Tomaz Tadeu SILVA, 2007). As teorias pós-críticas, portanto, definem o referencial teórico da publicação estruturada em duas partes.

A primeira parte do livro expõe os resultados de investigações realizadas pelo Grupo de Pesquisa Corpo e Educação da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Pensar na possibilidade de maior acessibilidade de aprendizados e de experiências esportivas para homens e mulheres na atualidade tem sido uma conquista emancipada por mulheres no esporte desde o século XX e que vem desencadeando impactos na educação física brasileira nas dimensões formal e não formal. Este argumento norteia o primeiro capítulo, "Educação esportiva de mulheres no Brasil contemporâneo: ampliar as possibilidades do corpo", em que se questionam concepções históricas que impossibilitavam a inserção de mulheres em atividades físicas nomeadas culturalmente como masculinas.

O esporte como uma prática que poderia machucar, masculinizar e/ou comprometer as funções reprodutivas das mulheres é posto em suspensão, demonstrando muito mais ignorâncias sobre a feminilidade que verdades científicas



Esta obra tem licença *Creative Commons*.

sobre esse corpo. O olhar sobre a realidade cotidiana de mulheres atletas revela “[...] que a construção de maior igualdade de gênero nesse campo carece de investimentos mais positivos na educação corporal e esportiva de meninas e mulheres.” (ALTMANN, 2015, p. 30).

Contextualizar sobre os “megaeventos no Brasil” e a forma como essas manifestações representam “desafios para educação física escolar” define as diretrizes do segundo capítulo. O processo de acessibilidade aos conhecimentos esportivos de forma ampla e significativa para crianças e jovens é a preocupação da autora, levando em consideração o fato de o Brasil sediar a realização de importantes eventos mundiais, tais como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

A descrição e a análise de dois documentários que tematizam sobre o futebol, um abrangendo o contexto da masculinidade, “Futebol – um país, uma paixão” (2006), e outro, da feminilidade, “Deixa que eu chuto” (2009), conduzem as problematizações nessa parte da obra. Altmann argumenta que se a escola assumiu desde a década de 1970 a designação como um espaço de descoberta de talentos esportivos, essa atribuição não é vislumbrada nos documentários analisados, em que a escola é um contexto que pouco ou quase nunca aparece como espaço de estruturação de vivências significativas do esporte pelos/as personagens. Essa contraposição, possivelmente, indica as fragilidades presentes na construção histórica da educação física escolar, pauta de diversas discussões recentes da área.

Os documentários apontam também a forma como desigualdades de oportunidades para os gêneros são veiculadas socialmente pelo esporte em que a habilidade para a modalidade esportiva não consiste no fator decisivo. Além das dimensões de classe social, raça e etnia que permeiam as exclusões no campo esportivo de alto rendimento, pertencer ao gênero culturalmente instituído como inferior reduz amplamente as possibilidades de ascensão profissional e social para atletas mulheres, aspecto destacado ao comparar as expectativas almejadas com o esporte profissional pelos meninos e meninas personagens dos documentários.

Uma das conclusões mais relevantes desse capítulo é a importância de se trabalhar pedagogicamente o futebol com meninas na escola em razão da possibilidade de ampliação de seus conhecimentos e habilidades sobre essa modalidade, fato que se configura como um direito de igualdade. Essa prática “[...] descontrói

a equivocada – e, por vezes, ainda presente – percepção de incompatibilidade entre feminilidade e futebol.” (ALTMANN, 2015, p. 65).

Na segunda parte da obra, “Gênero e educação física escolar”, os três capítulos correspondem à revisão e atualização das problematizações realizadas pela autora em sua dissertação de Mestrado defendida em 1998. O contexto de como as relações de gênero se estabelecem entre meninos e meninas nas aulas de educação física é o foco em questão. Para a construção do material empírico foi realizada uma pesquisa etnográfica abrangendo quatro turmas da anterior quinta série (hoje sexto ano) de uma escola municipal de Belo Horizonte. Aulas de educação física, jogos olímpicos escolares, recreio e outros espaços de atuação pedagógica se constituíram em ambientes de observação entre março e setembro de 1997.

No terceiro capítulo, “Marias [e] homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço escolar”, argumenta-se o predomínio da dominação masculina em diversos espaços da escola tendo como via o esporte. Essa dominação emergia de forma mais latente nos Jogos Olímpicos escolares em que atitudes e posturas de violência predominavam os contextos linguísticos presentes nesse evento, em especial, nos “gritos de guerra” e expressões impressas nas camisetas das equipes masculinas.

Não diferente da sociedade como um todo, a sub-representação feminina em atividades esportivas é um fenômeno recorrente também nas atividades escolares. Por outro lado, observaram-se também resistências por parte delas, utilizando-se de outras atividades corporais ou mesmo do próprio futebol. O exemplo mais marcante foi quando um grupo de meninas antecipou a ocupação da quadra poliesportiva da escola no recreio, restando aos meninos a arquibancada. Neste evento, as meninas dominavam o contexto e, em contrapartida, como estratégia de resistência, os meninos se referiam a elas pejorativamente como “Marias-homem”.

Se ao analisar os documentários, no segundo capítulo, Altman constatou que a habilidade para a modalidade esportiva não consiste do fator decisivo no processo de exclusão de homens e mulheres no esporte profissional, na escola, esse elemento torna-se decisivo. Esse aspecto foi evidenciado quando observou os Jogos Olímpicos escolares e verificou quantitativamente que os meninos eram quem mais tocavam na bola durante os jogos. Essa discussão foi delineada no quarto capítulo, “Exclusão nos esportes”, em especial. Contudo, a autora adverte que “[...] não

se pode generalizar a afirmação de que meninas são excluídas do jogo por serem mulheres. Gênero é uma categoria relacional, vinculada também à habilidade corporal.” (ALTMANN, 2015, p. 96).

Essa constatação se reafirmou ao observar o cotidiano das aulas de educação física em que presenciou meninas habilidosas jogando futebol junto aos meninos e meninos pouco habilidosos jogando futebol com as meninas. Às categorias gênero e habilidade, associavam-se também as categorias idade e força como critérios definidores daqueles que ocupavam os espaços mais amplos na escola nas atividades de aula e recreio.

A virilidade como fator marcante e decisivo nas relações de gênero no esporte foi também evidenciado nas vivências escolares, sobretudo quando o jogo em questão era o futebol. Assim, para os meninos, jogar futebol com as meninas era desinteressante por elas não possuírem habilidades e não se tornarem um “desafio” para eles. No entanto, “[...] o cartão de entrada da menina no jogo dos meninos era jogar bem, mas, contraditoriamente, jogar com essa menina, mais do que um *desafio*, passaria a ser, para os meninos, uma *ameaça* a sua imagem masculina.” (ALTMANN, 2015, p. 114-115), pois, nomear um menino como jogador inferior a uma menina era uma das formas de desvalorização da masculinidade em momentos de conflito.

Em “Gênero em jogo e brincadeiras infantis”, quinto capítulo, destaca-se como a demarcação das diferenças de gênero na sociedade brasileira é pautada pela diversificação das naturezas sexuais. Nesse caso, meninas devem ter sua sexualidade controlada e disciplinada – um fenômeno natural. Antagonicamente, meninos enfrentam ameaças constantes nessa construção, sendo sua sexualidade precocemente iniciada e encorajada; compreensão descrita por Altmann embasada nos estudos de Richard Parker (1991).

Assim, nos jogos e brincadeiras de meninos na escola, agressividade e força eram elementos predominantes que, por quase todo tempo, delimitavam as fronteiras ente a masculinidade e a feminilidade. Meninos que não aderissem a esses princípios poderiam colocar suas masculinidades em risco, aproximando-se da homossexualidade. Para as meninas, a sedução e questões de namoro foram aspectos mais evidenciados, assim como maiores demonstrações de afetividade entre elas por meio do toque. Entre os meninos o toque acontecia, mas, de forma “camuflada”.

Além do contato físico inevitável durante a partida, gols ou pontos eram comemorados com trocas de abraços – contatos nunca vistos em outras ocasiões. Assim, por meio de jogos, “briguinhas” e esportes, os toques tornavam-se legítimos, passavam a ser aceitos, por estarem envolvidos de agressividade e por serem exigência da própria estrutura da atividade (ALTMANN, 2015, p. 124).

Considerando que as vivências humanas estabelecem relações de poder e saber em que o sujeito, na maioria das vezes, é mais assujeitado do que sujeito de si nessas relações (Alfredo VEIGANETO; Carlos Ernesto NOGUEIRA, 2010), as brincadeiras e jogos evidenciados na escola permitiram concluir que em determinados momentos sujeitos escolares se recusavam ao assujeitamento, cruzando as fronteiras do gênero hegemonicamente instituídas, ou, desencadeando processos de resistência ao poder (Michael FOUCAULT, 1988).

Em suas “palavras finais” a autora interpreta a aula de educação física como um espaço de múltiplas vivências educativas em que não somente se educa, modela e aprimora o corpo, o gesto e as habilidades, mas, também os gêneros e suas relações. Nesse processo, meninos e meninas participando juntos/as da mesma aula fazem emergir ricas potencialidades educativas a serem exploradas – espaço de articulação e negociação de diferenças. Assim, cotidianamente, “[...] meninos e meninas lançam mão de estratégias distintas para conquistar o que desejam na escola: os meninos usam a *transgressão* de normas; as meninas a *não transgressão* ou certa *cumplicidade* com a professora.” (ALTMANN, 2015, p. 86).

Interessantemente, no final da obra sugere-se uma série de artefatos, dentre publicações, vídeos, filmes, curtas-metragens, documentários e materiais pedagógicos que abordam gênero, sexualidade, educação e educação física com o intuito de “ampliar o olhar” dos/as interessados/as nessa discussão.

O livro apresenta elevada relevância para aqueles/as preocupados/as com as discussões sobre gênero e sexualidade, em especial, com um olhar sobre a educação física escolar. Ressalta a importância de maiores investimentos teóricos nessa área de conhecimento que, ao longo da história, vem sofrendo forte influência da abordagem ou paradigma da aptidão física em que o corpo se torna um elemento objetivado, linear e exposto a mensurações biológicas e fisiológicas (BRACHT, 1999).

A obra é indicada para o público acadêmico ou não. Estando em "jogo" o interesse em colocar-se disponível a lançar outros olhares sobre as relações estabelecidas entre homens e mulheres e na forma como suas construções históricas, sociais e culturais são também representadas no esporte e, conseqüentemente, nas práticas lúdicas e esportivas desenvolvidas na escola.

A leitura de *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, de Guacira Lopes Louro (1997), complementaria o entendimento das discussões apresentadas no livro. Nela, além das discussões mais amplas sobre gênero, sexualidade e educação, destaca-se o processo de representação masculina e a marca da virilidade historicamente evidenciada na estrutura escolar, sobretudo na disciplina educação física.

#### Referências

- BRACHT, Valter. "A constituição das teorias pedagógicas da educação física". *Cadernos Cedes*, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- VEIGA-NETO, Alfredo; NOGUEIRA, Carlos Ernesto. Conhecimento e saber – apontamentos para os estudos de currículo. In. SANTOS, L. L. et al. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 67-87.

Neil Franco ■

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil